

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolver desta pesquisa foram ministrados quinze encontros (uma vez por semana, com 3h35min cada) em uma instituição privada de ensino superior de Xanxerê (SC). Esses encontros foram desenvolvidos com vinte e seis alunos do primeiro semestre do Curso de Design. A faixa-etária predominante dos alunos situa-se entre os dezessete a dezenove anos.

Nos encontros foram trabalhados desenhos de observação com o intuito de desenvolver a precisão visual, memória visual, firmeza da mão, interações entre a estrutura básica e volume do objeto, espaço e luz/sombra, proporcionando aos alunos noções básicas de perspectiva, composição e elementos visuais, ocorrendo, também, um procedimento de reconhecimento em que pode, o sujeito, desenvolver sua percepção visual e espacial no momento em que registrar todas as informações apresentadas pelo modelo ou forma.

Pelo fato do desenho de observação ser um processo que necessite de um aprendizado, desenvolvemos, no decorrer dos encontros, algumas atividades como, por exemplo, os sugeridos por COX (2001) e COUTINHO (2004): verificação dos espaços negativos como forma; atividades com imagens de cabeça para baixo, auxiliando o educando quanto ao “ver”; imagem quadriculada (no caso de COX, ela sugere para formas tridimensionais, nessa pesquisa foi aplicado para bidimensionais), com a intenção em auxiliar o educando quanto às linhas verticais e horizontais; utilização da memória para executar os desenhos; entre outras atividades.

Dessa forma, organizamos uma metodologia para que pudéssemos aplicar algumas modalidades, pois para desenhar há a necessidade de se aprender a desenhar e “trata-se de uma estratégia que implica numa definição racional dos objetivos, das finalidades e dos meios utilizados para alcançar os objetivos, a concepção das técnicas e a clareza dos participantes” (COUTINHO, 2004, p.03).

No que se refere aos espaços negativos, para EDWARDS (2002) “[...] é o segundo componente básico da habilidade global do desenho” (p.162) Segundo a autora, nesse momento passamos a deixar de ver as formas positivas para

centrarmos nas negativas¹³ e, com isso, utilizamos a modalidade direita do nosso cérebro que é ligado ao pensamento visual, espacial e relacional.

Quanto ao desenho de cabeça para baixo, outra atividade aplicada com os sujeitos dessa pesquisa, ele acontece para permitirmos um “desligamento” da modalidade esquerda do nosso cérebro. O desenho estando de cabeça para baixo proporciona o afastamento do lado esquerdo, pois esse não consegue nomear/classificar as formas permitindo que o lado direito (visual, perceptivo) assuma a atividade.

EDWARDS (2002) chegou a essa definição após ter lido, em 1968, várias matérias sobre o hemisfério cerebral e concluiu: “Desenhar exige um determinado lado cerebral, talvez uma mudança para outro jeito de ver as coisas” (p.32). A autora e também professora, teve um resultado surpreendente “[...] inclusive dela mesma, todos os desenhistas fizeram cópias muito boas, melhor do que teriam feito se o modelo estivesse na posição normal” (COX, 2001, p.251).

Na atividade com a aplicação de imagens quadriculadas, o que nos levou a realizá-la foi que “depois de praticar muito você poderá prescindir dessas técnicas e desses recursos e ser capaz de sintonizar a modalidade de ver qualquer cena como uma imagem bidimensional” (COX, 2001, p.255), pois o desenho se aprende desenhando¹⁴ e inicialmente precisamos de alguns direcionamentos para isso ocorrer.

Ao utilizarmos o desenho de memória, não foi diferente. Com a intenção de verificar a ampliação da Inteligência Espacial, praticamos essa atividade com a realização de vários desenhos da mesma composição, com o intuito de ocorrer um registro das formas.

COUTINHO (2004), em sua pesquisa, utilizou o desenho de memória e também o de estimulação da imagem mental, tendo esse último mais focado em detalhes que “[...] podem gerar representações mais ricas e com mais incidências de subcomponentes e não componentes” (p.05). Na presente pesquisa, aplicou-se apenas a utilização da memória tendo em vista que ocorreu indiretamente uma estimulação mental pelo fato de termos trabalhado várias vezes com os mesmos objetos encontrados anteriores.

¹³ “[...] significa apenas as áreas geralmente não percebidas como objetos nomeáveis” (Edwards, 2002, p.162)

¹⁴ Disponível em <<http://www.corpos.org/anpap/2004/textos/ceaa/evasolange.pdf>>

Com a metodologia definida para ser aplicada pela pesquisadora e devido à ementa¹⁵ do Curso de Design da Instituição, foram aplicados alguns parâmetros “pré-estabelecidos” para poder fazer a coleta dos dados, o que, de certa forma, limitou-se a certos apontamentos de avaliação.

Através dos dados coletados a partir dos encontros que foram realizados na instituição é que se pode obter uma análise dentro do propósito deste estudo, que é “O Desenho de Observação como um meio para ampliar/desenvolver as Inteligências Múltiplas em específico as pessoais, cinestésico-corporal e a espacial dos sujeitos”.

Nesse instante é que aplicamos os instrumentos de pesquisa anteriormente mencionados: observação participante; diário de campo; entrevista estruturada (aplicação de questionário – apêndice 03) e semi-estruturada e análise documental para que pudéssemos ter uma coleta detalhada das informações necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa.

Abaixo segue pormenorizados os quinze encontros ministrados pela pesquisadora:

1º Semana

Na primeira semana, inicialmente, apresentamos a proposta da pesquisa e os seus objetivos para, em seguida, dar encaminhamento às atividades. Através do programa PowerPoint, apresentamos aos alunos textos (apêndice 1 e anexo 1) sobre o Desenho de Observação bem como a questão do “Ver, uma ferramenta que pode ser ensinada e aprendida”.

Após alguns debates sobre os textos, os alunos deram início ao desenho de observação de uma composição simples onde, em nenhum momento, houve a interferência¹⁶ da pesquisadora com o propósito de se verificar a capacidade do aluno quanto ao desenvolvimento das Inteligências Pessoais, Cinestésico-Corporal e Espacial.

¹⁵ Estudos das técnicas de traçado à mão livre e sua aplicação na representação de sólidos geométricos e espaços. Relação figura e fundo. Estudos de texturas gráficas aplicadas ao desenho de observação. Formas de representações de idéias através do desenho livre.

¹⁶ Trata-se de interferência verbal.

Terminada essa atividade, orientamos para que os alunos utilizassem o desenho para informar como era o seu cotidiano. Após, solicitamos que os desenhos fossem repassados aos colegas para que se fizessem identificações e comentários sobre os mesmos.

A partir dessa atividade foi organizada uma composição com formas geométricas (cubos, paralelepípedo, etc) para que os acadêmicos pudessem observar e, em seguida, sem a interferência da pesquisadora, os alunos desenharam a composição com o lápis 6B, aplicando o acabamento que tinham conhecimento. Nesse aspecto, perceberam-se vários resultados e, em certos desenhos, ficou claro algum conhecimento ou não sobre o desenho de observação (estrutura, formas, composição e acabamento).

Nesse contexto, o acadêmico Fábio manifestou estar com dificuldade, mas conseguiu superá-la após algum tempo. Nesse caso, verificou-se que o acadêmico se preocupou com o acabamento, esquecendo-se de colocar os pés da mesa.

A partir desse exercício podemos observar que Fábio teve uma certa dificuldade quanto ao desenvolvimento da Inteligência Espacial bem como com a Interpessoal devido ao seu pouco entrosamento com a turma. Porém, pelo fato de ser o primeiro dia de aula, acreditamos que todos estavam em processo de “reconhecimento” do novo espaço, o que dificultou o processo.

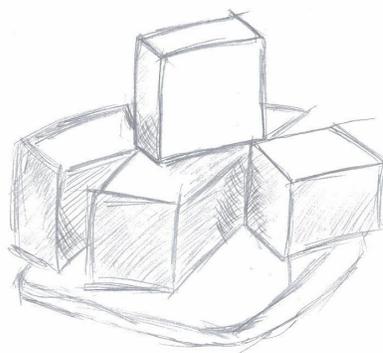


Figura 24: Desenho de observação sem interferência

Como foi explanado anteriormente, COX (2001) comentou que muitos adultos imaginam que as formas do cubo são apresentadas de maneira oblíquo-paralela e ficam “espantados” ao perceberem que não é, pois se olharmos um cubo de quina, podemos observar que nenhuma das faces são apresentadas como um quadrado,

“[...] nenhum ângulo é reto e nenhuma das arestas opostas permanecem paralelas” (p.178).

Por sua vez, Renata encontrou uma dificuldade considerável a ponto de chamar muita atenção. Ficou muito clara a dificuldade da acadêmica no que se refere ao desenho tridimensional¹⁷, ainda mais que partia de uma composição de cubos.

Seu desenho¹⁸ resultou em linhas sutis, com acabamento aleatório (desleixado) e formas desproporcionais, provocando um certo desânimo na aluna. Provavelmente ela chegou a esse resultado pelo fato de ter observado poucas vezes a composição. Conforme COX (2001):

Sendo crianças ou adultos, se não percebermos os efeitos da perspectiva em uma cena real é provável que nem tentemos desenhá-los, mesmo que a solução já esteja presente em nosso repertório gráfico (p.179).

Ana foi a única que não sentiu dificuldades em executar a atividade. Em conversa informal afirmou estar realizando um curso de desenho técnico que a auxiliou muito no seu desenho de observação. Ela demonstrou uma dedicação intensa aos seus desenhos, fato que resultou em uma boa qualidade. Percebemos, nesse caso, que a acadêmica tem a Inteligência Espacial bem desenvolvida, pois consegue perceber a perspectiva e transpô-la ao suporte (folha sulfite tamanho A4).

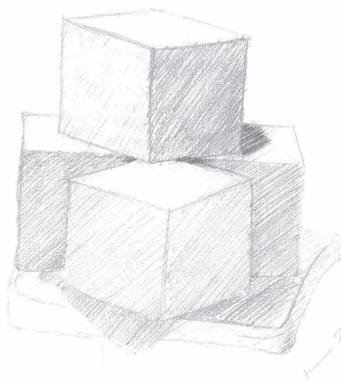


Figura 25: Desenho de observação sem interferência

¹⁷ Desenho que apresenta as três direções básicas, sendo elas: comprimento (verticalidade), largura (horizontalidade) e profundidade (transversalidade).

¹⁸ Estamos nos referindo ao Desenho de Observação.

Devido ao curso extra-curricular de desenho, Ana não se intimidou com nenhum tipo de material e apresentou até uma certa “intimidade.” Isso confirma que ela também apresenta uma Inteligência Cinestésico-Corporal bem desenvolvida com uma motricidade fina¹⁹.

Por sua vez, Ricardo teve o desenho um pouco semelhante ao de Fábio. Ele demonstrou ser bastante inseguro no que faz. Apagou repetidas vezes os traços que executou no papel e, em nenhum momento, se deslocou do seu local para verificar o trabalho dos colegas. O acadêmico questionou algumas vezes como iria fazer aquele desenho, pois não estava conseguindo compreender como as formas eram apresentadas daquela maneira (composição dos cubos). Seu desenho foi concluído com dificuldade e pouco acabamento.

Naiara desenvolveu o desenho com uma facilidade considerável. No mesmo momento em que foi passada a atividade a acadêmica pegou o seu material e começou a executar. Com uma motricidade ampla, ela conseguiu organizar muito bem o desenho no espaço oferecido pelo suporte (sulfite A4).

Enquanto executava a atividade, Naiara fazia questionamentos com os colegas e o professor, demonstrando ter bastante interesse. Não demonstrou insegurança e tudo o que executou, apresentou sentido de experimentação.

Nesse contexto, percebemos que em Naiara as Inteligências Pessoais e Cinestésico-Corporais estão bem desenvolvidas. Percebemos também, que há um pouco de dificuldade quanto à Inteligência Espacial.

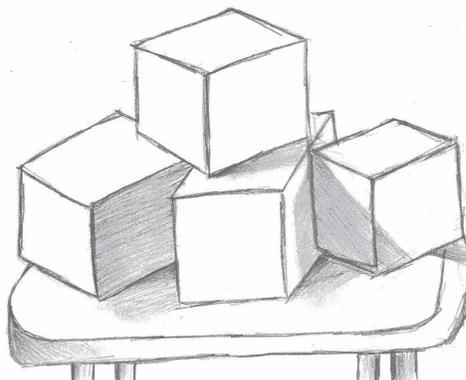


Figura 26: Desenho de observação sem interferência

¹⁹ Traços sutis, oposto de amplo.

Pelo fato de boa parte da turma possuir um trabalho fixo (em empresas, indústrias, etc), ficou muito difícil exigirmos do sujeito o desenvolvimento de algumas atividades (desenho de observação) em casa, como apoio.

2ª Semana

Inicialmente repassamos aos alunos (em PowerPoint) um texto sobre linha, plano, superfície, etc. (anexo 2), para complementar o conhecimento sobre o assunto. O foco principal foi o desenho e um texto sobre a sombra (anexo 3).

Em seguida organizamos novamente a composição com os objetos geométricos que tinham sido trabalhados na aula anterior. Nesse instante houve a interferência da pesquisadora que auxiliou o aluno quanto à observação das linhas, sua inclinação, a distância entre uma linha e outra.

Pudemos perceber que, no momento em que houve um auxílio, uma interferência quanto à observação da composição, os alunos (uma maioria) tiveram uma melhoria no desenho (quanto aos aspectos anteriormente citados).

Após a conclusão da atividade anteriormente comentada, expusemos aos educandos uma composição com formas mais complexas (chaleira, taça e jarro), com a utilização de uma luminária para atenuar a sombra.

Percebemos que foi um pouco complexo fazer com que o sujeito pudesse entender que a sombra própria dos objetos e a projetada deveriam ser vistas como formas e não apenas os objetos ali explícitos.

Ao trocarmos a composição de lugar a sombra se alterou e alguns alunos começaram a entender sobre a sombra/forma melhorando a qualidade dos desenhos observados. Nesse aspecto, acreditamos que quanto mais informações uma composição oferecer, melhor será o resultado, pois teremos mais linhas para compararmos as distâncias entre si e a sombra própria dos objetos, bem como a projetada que, nesse instante, teve essa função.

A partir desse momento, na visão dos alunos, o processo se tornou mais complexo porque, além de mais formas diferenciadas, houve muitos detalhes, o que exigiu mais atenção dos acadêmicos.

Nessa perspectiva, Fábio, Renata e Ricardo apresentaram muitas dificuldades ao desenhar enquanto Ana apenas comentou que iria demorar muito.

Naiara simplesmente pegou o seu material, desenhou e, em seguida, concluiu o trabalho.



Figura 27: Desenho de observação de Fábio, Renata e Ricardo sem interferência do Professor

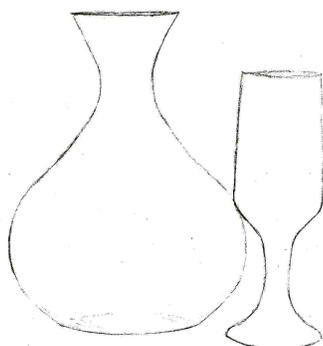


Figura 28: Desenho de observação de Ana e Naiara sem interferência do Professor

3ª Semana

Na terceira semana continuamos com o desenho de observação aplicando uma composição com os objetos anteriormente citados. Tínhamos por intenção realizar um estudo aprofundado das suas formas para que, num próximo encontro, pudéssemos desenhar novamente a composição utilizando apenas a memória como referência.

Ainda, na terceira semana, os alunos conseguiram melhorar alguns pontos, entre eles o de ver a sombra como uma forma. Nesse aspecto, os objetos deixaram

de ser denominados pelos alunos, como jarro, chaleira e taça, mas formas que continham linhas curvas, pois segundo EDWARDS (1984), quando passamos a ver as formas, sem denominá-las, o lado direito do nosso cérebro passa a ser ativado, proporcionando, assim, um resultado mais adequado.

Outro ponto por nós observado tange às falhas decorrentes da rapidez do sujeito em desenhar. Nesse aspecto, percebemos que eles próprios, ao circularem pela sala, conseguiram identificar essa falha no momento em que alguns colegas estavam levando mais tempo e dedicação para o desenvolver das atividades.

Fábio executou a atividade um tanto inquieto e disse não ter muita paciência em observar as “*formas normais, que dirá as negativas*”²⁰. Nesse momento, houve a necessidade de explicarmos ao sujeito aspectos pertinentes à importância de se ter paciência, pois essa auxilia muito no processo de observação, bem como na qualidade do desenho. Foi nesse momento que Fábio se dedicou um pouco mais ao seu desenho preocupando-se quanto à composição e acabamento.



Figura 29: Desenho de observação de Fábio com interferência do professor

Renata chegou a perceber uma diferença bem significativa de um trabalho com o outro (o sem e o com interferência) e comentou que em nenhum momento pensou que desenhar dependesse de como vemos as formas.

Podemos observar que Renata (no momento em que consegue perceber que há uma maneira de ver uma composição não apenas como uma forma estanque) nos oferece formas negativas que facilitam o desenho. Segundo EDWARDS (1984)

²⁰ As falas dos alunos serão apresentadas em itálico para uma melhor evidência.

“[...] as sombras (e áreas iluminadas), tal como o espaço negativo, podem ser vistas como formas quando empregamos o mesmo método utilizado para o espaço negativo.” (p.194)

Esse processo permite ampliarmos a nossa capacidade de ver o tridimensional e registrá-lo. Isso reflete num desenvolvimento considerável das Inteligências Espaciais, pois passamos a ter mais elementos registrados. Além da forma em si, temos também as formas que as sombras e o negativo nos proporcionam.



Figura 30: Imagem²¹ do rosto de um soldado e uma forma isolada

Nesse caso, podemos perceber que se essa forma fosse apresentada separadamente da composição, com certeza não iríamos identificá-la como sendo um nariz (ou sombra de um nariz), mas sim, uma forma abstrata.

²¹ Imagem utilizada como exemplo em sala de aula

Após a explicação de como devemos ver as formas e que devemos ir além do que conseguimos identificar em primeira vista, os alunos desenharam a composição de natureza morta, com a interferência verbal do professor.



Figura 31: Desenho de observação de Renata com interferência do professor

Observamos, ainda, que Renata continuou sem se envolver muito com a turma. Envolveu-se apenas com o seu grupo e raramente se deslocou do seu lugar. Observamos, também, que a acadêmica conseguiu um progresso quanto à Inteligência Espacial bem como quanto a Cinestésico-Corporal.

Por sua vez, Ana conseguiu concluir o desenho nessa proposta, mas a sua qualidade diminuiu um pouco. Ela passou a compreender que não devemos desenhar apenas a forma como está sendo exposta, mas, sim, as formas “a mais” que a composição nos proporciona (nesse caso, além das sombras, as próprias formas negativas). Observamos, ainda, que seu traço é bastante sutil. Até o final dos encontros Ana manteve o mesmo tracejado, o cuidado com o acabamento e composição do objeto observado e o suporte em que estava desenhando.



Figura 32: Desenho de observação de Ana com interferência do professor

Já, Ricardo apresentou no seu desenho traços muito sutis, quase impossíveis de se observar. Acreditamos que houve uma preocupação maior por parte do sujeito. Nessa atividade o acadêmico conseguiu apresentar uma melhor proporção entre as formas da composição, já que passou a ver a mesma de uma outra forma (as sombras e as formas negativas).

O acadêmico continuou demonstrando muita indiferença quanto à turma. Mesmo em atividades em grandes ou em pequenos grupos tem um comportamento intrapessoal bem acentuado e demonstra muita dedicação e interesse em apreender, em ampliar os seus conhecimentos e a capacidade de poder observar, desenhar e criar.

Enquanto Ricardo demonstra uma concentração referente ao seu desenho, Naiara conversa muito com a sua colega sem se ater a muitos detalhes, tanto que é bem visível a pouca diferença entre o desenho que ela realizou sem e com interferência.

A única diferença do primeiro ao segundo desenho foi a proporção entre as formas, o seu traço continua deixando o seu desenho um pouco confuso, sem apresentar pontos específicos de contraste.

Naiara demonstrou bastante impaciência quando estava desenhando, o oposto de Ana, que se dedicava ao máximo ao seu desenho sem se preocupar se ia ou não conseguir concluir o seu trabalho.

4ª Semana

Com a realização de vários desenhos da mesma composição em encontros anteriores, nesse encontro os educandos utilizaram a memória para executar o desenho sem nenhuma informação visual.

Primeiramente os sujeitos mostraram-se indignados com a proposta alegando ser impossível realizá-la, mas, após esclarecimentos do professor, demonstraram-se mais flexíveis. Em seguida, os acadêmicos começaram a desenhar. Nesse momento a prioridade não era relativa à organização da composição, mas sim, às formas propriamente ditas (jarro, chaleira e taça).

A maioria dos resultados foram interessantes. Os sujeitos conseguiram uma aproximação das formas, dos detalhes dos objetos, onde eles mesmos, após a entrega das atividades realizadas, puderam fazer uma avaliação dos desenhos. Nesse aspecto, os próprios educandos puderam verificar onde houve falhas ou não em seus trabalhos. Puderam tecer comentários acerca da importância de se observar mais atentamente os objetos.

Paralelamente, expusemos aos sujeitos pontos relativos à importância do registro de todas as informações possíveis, tanto visuais quanto verbais, pois é a partir dessas informações que conseguimos expressar as nossas idéias e intenções (HSUAN-AN, 1997). Quanto mais informações memorizamos, maiores serão as nossas possibilidades de expressão.

Por sua vez, Fábio demonstrou muita inquietação. Foi necessária uma certa insistência por parte do professor para que ele pudesse iniciar, sem receios, o seu desenho. Fábio não ficou muito convencido em relação à fala do mesmo, mas pegou o seu material e começou a desenhar. Em uma mão ele estava segurando o lápis e, na outra, a borracha. Pareceu-nos reflexo de um quase “socorro” caso ocorresse algo desastroso em seu desenho.

Observando o sujeito foi possível perceber a sua inquietação, gesticulava muito, conversava com o seu colega ao lado, apagava, reiniciava o desenho até que, em um certo momento, falou em voz alta que a turma toda escutou: “Poxa, até que não está ficando tão mal assim, acho que está ficando melhor que o que eu desenhei observando”. Ficou muito evidente que o acadêmico fez um registro das imagens observadas e desenhadas em aulas anteriores e comentou que nem

imaginava que isso seria possível. Bastou um pouco de concentração e alguns resgates da memória para executar o desenho.

Porém, quando Fábio comparou os seus desenhos realizados em aulas anteriores, o sem e o com interferência, alegou ter a Inteligência Espacial pouco desenvolvida e que teria que começar a observar melhor as formas que o rodeavam.



Figura 33: Sem interferência, com interferência e de memória.

Em seus desenhos podemos analisar que em função da sua dificuldade e impaciência em observar os objetos, Fábio reorganizou a posição da chaleira, já que ela, desenhada de lado, é menos complexa.

Já, Renata não demonstrou muita diferença entre os seus desenhos de observação com o que ela fez de memória. Apresentou uma semelhança considerável entre o desenho sem interferência com o de memória. Isso justifica um bom registro mental das formas onde ela, mesmo apresentando uma dificuldade quanto ao seu desenho de observação, conseguiu a partir das informações que registrou.

Renata também demonstrou muita insegurança no momento em que foi desenhar a composição anteriormente estudada (que aplica as informações já registradas através do desenho e da mente). Renata ficava muito inquieta e às vezes irritada por ter que realizar esta atividade, alegando ser muito difícil e que não iria conseguir. Foi possível perceber que ela acreditava que ao desenhar através da memória iria se decepcionar com o seu próprio desenho.

Ao iniciar o trabalho, Renata começou a elogiar o seu próprio desenho e insistia em querer conferir com os que ela já havia desenhado. Então foi explicado à aluna que não deveria haver nenhuma informação visual para que não houvesse nenhuma interferência quanto ao seu desenho, já que a proposta era resgatar da

memória as imagens anteriormente registradas para verificar o desenvolvimento da sua Inteligência Espacial.



Figura 34: Sem interferência, com interferência e de memória.

Podemos observar que Renata encontrou um pouco de dificuldade quanto à distribuição dos objetos e alguns detalhes como, por exemplo, o bico do bule e o modelo da própria taça, já que esse modelo não havia sido exposto em nenhuma das duas composições no decorrer dos encontros anteriores.

Para Ana a única dificuldade é a demora com que ela executa as atividades. Sem muitas manifestações, Ana pegou o seu material e começou a desenhar a sua composição. Sua única preocupação era o tempo que precisaria para concluir o seu desenho, mas foi comunicado a ela que, caso não conseguisse, não haveria a necessidade de se apressar e que poderia concluí-lo em casa.

Nesse aspecto, Ana conseguiu fazer um bom registro mental das formas.

Sendo assim, acreditamos que Ana tem a Inteligência Espacial bem desenvolvida, pois, como afirma GARDNER (1995), “A Inteligência Espacial é a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo” (p.15).



Figura 35: Sem interferência, com interferência e de memória.

Ana conseguiu uma semelhança inclusive quanto à composição dos objetos, apenas em alguns pequenos detalhes ela modificou, mas confirma um bom desenvolvimento da sua Inteligência Espacial.

No desenho de Ricardo podemos observar uma semelhança com o seu desenho de observação. Destacamos que ele se manifestou apenas com expressões de “indignação” perante a atividade que iria ter que efetuar, mas em nenhum momento ele solicitou o comparecimento do professor na sua mesa para esclarecer se não haveria uma outra maneira de realizar essa atividade, assim como os outros alunos fizeram, mesmo após a explicação já feita pelo educador a respeito da utilização e da importância da memória.



Figura 36: Sem interferência, com interferência e de memória.

Apesar da dificuldade que Ricardo sempre apresentou em desenhar, podemos observar como ele consegue resgatar da sua memória a composição e as formas de encontros anteriores.

Naiara apresenta uma semelhança considerável entre os desenhos realizados anteriormente e com o que ela efetuou a partir da memória. O tracejado e a expressão das linhas são muito parecidos.

Em momento algum Naiara apresentou qualquer imposição quanto a essa atividade. Simplesmente pegou o seu material e começou o seu desenho rapidamente sem a preocupação se iria ou não errar, como pensava a maioria dos alunos. Em seus desenhos Naiara trabalhou com lápis 6B, mas com um traço muito intenso, parecendo ser outro material, do tipo lápis dermatográfico.



Figura 37: Sem interferência, com interferência e de memória.

Como foram apresentadas duas composições no decorrer dos encontros, Naiara fez uma fusão das duas, mas demonstrou uma certa dificuldade ao desenhar o copo que ficou descaracterizado quanto aos modelos apresentados.

5ª Semana

Na quinta semana, inicialmente, a professora expôs um banco em que os sujeitos iriam observá-lo e desenhá-lo. Após o término desta atividade, foi organizada uma composição com tecidos para fazer um estudo sobre o panejamento/volume, onde a sombra novamente tem importância fundamental para ressaltar no volume e caimento dos tecidos.

Os educandos mostraram-se perplexos com a composição, pois não faziam idéia de como e por onde iniciar devido ao excesso de informações que a forma estava apresentando.

No momento em que houve a intervenção da educadora referente à composição pareceu-nos que a iniciação do desenho ficou mais acessível.

Na oportunidade, a pesquisadora sugeriu que os alunos trabalhassem com carvão vegetal e papel jornal tamanho A3, para que pudessem ficar “mais soltos” quanto ao traço, uma característica que o carvão oferece. Até então só haviam desenhado em folhas tamanho A4 com lápis 6B.

Dessa maneira os sujeitos não ficaram se preocupando muito com a possibilidade de estar errando e apagando, pois antes de realizarem o desenho deveriam fazer um esboço do mesmo. Após a conferência das formas da

composição é que iriam dar início ao acabamento do desenho, incluindo a sombra, que era oferecida pela luz artificial.

Após o término da atividade cada aluno fixou o seu desenho na parede para que todos pudessem verificar como cada colega resolveu a estrutura da composição. A maioria conseguiu utilizar a folha toda para desenvolver a composição.

Fábio não apresentou nenhuma dificuldade ao efetuar o desenho do banco. Várias vezes usou a borracha, mas conseguiu visualizar as formas negativas que o objeto oferecia mais facilmente do que a composição da natureza morta. Ainda, destacamos que Fábio encontrou dificuldades, assim como toda a turma, no momento em que foi acrescentado ao banco um pano para que os acadêmicos tivessem o contato com o desenho de panejamento²².

Muitos alunos sentiram um pouco de dificuldade ao estarem manuseando um material que nunca tiveram contato anteriormente. Questionaram a maneira e os resultados possíveis de um carvão vegetal, então sugerimos que, primeiramente, em uma folha, rabiscassem da forma que melhor lhes conviesse para que sentissem as diferentes possibilidades de traços e sombreados que o material lhes proporcionava.

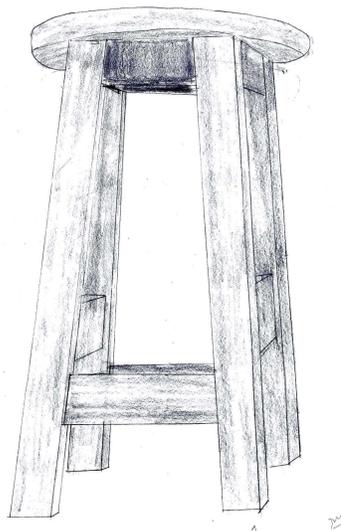


Figura 38: Desenho de Fábio

²² Disposição harmoniosa do tecido em decoração ou no vestuário.

Para Renata, desenhar o banco foi muito difícil. A acadêmica encontrou uma dificuldade considerável e isso ficou bem visível no seu trabalho. Foi passada a ela toda a explicação de como desenhar através das formas negativas que o banco estava oferecendo. Porém, a acadêmica tinha um registro mental muito forte de um banco, não conseguindo se desligar das informações anteriormente registradas. Ela apagava muito o seu desenho e pensou várias vezes em desistir, pois o estereótipo de banco que predominava no seu trabalho lhe confundia muito, não apresentando proporção correta e perspectiva.

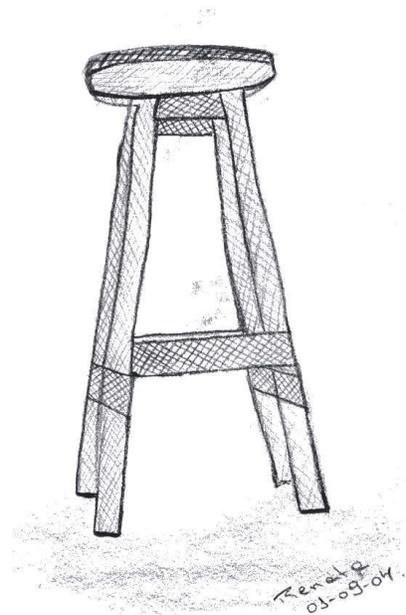


Figura 39: Desenho de Renata

Podemos perceber esse detalhe claramente no assento do banco. Verificamos que a educanda se confunde, pois ao olharmos na parte inferior e superior do assento, observa-se que o mesmo está apresentado no bidimensional (forma “achatada”) ao invés de tridimensional (linhas vertical, horizontal e transversal).

Além da dificuldade de desenhar o banco, Renata apresentou uma inquietação ao ver, além do banco, um pano sobre ele que deixava a composição riquíssima de detalhes – as sombras que o tecido proporcionava com as suas dobras e caimento. Após muita insistência, ela teve “*coragem*” e deu início ao seu desenho, mas não conseguiu passar para o papel a sensação de caimento do

panejamento, mas sim uma forma que lembrava um bloco rígido, totalmente o oposto de leveza que o tecido estava oferecendo.

Talvez, pelo fato de Renata tentar isolar as formas da composição tenha prejudicado o todo, não deixando clara a idéia de sutileza e caimento do tecido sobre um banco. Quanto ao material sugerido para que a turma trabalhasse nessa semana, Renata demonstrou não estar muito satisfeita com a qualidade que o carvão vegetal e o papel jornal estavam oferecendo, pois era “*muito difícil de apagar quando se errava*”.

Já, Ana Paula novamente não conseguiu concluir o seu desenho (banco de assento) e nem iniciou a composição do banco com o pano. Sua linha continua sutil e há uma preocupação considerável quanto ao acabamento do seu desenho. Ela apresentou novamente um bom desenvolvimento quanto à perspectiva da composição bem como com o material que foi sugerido para trabalhar naquela semana.

Ricardo, semelhantemente à Renata, também teve dificuldades em desenhar o assento do banco. Ao que se refere às pernas, Ricardo conseguiu dar tridimensionalidade, o que não aconteceu com Renata.

Quanto ao material sugerido para trabalhar, Ricardo não se opôs, olhou com certa curiosidade para o carvão vegetal e passou a testá-lo em uma folha, assim como todos os colegas, como um processo de reconhecimento do material que iriam trabalhar com o desenho daquela composição.

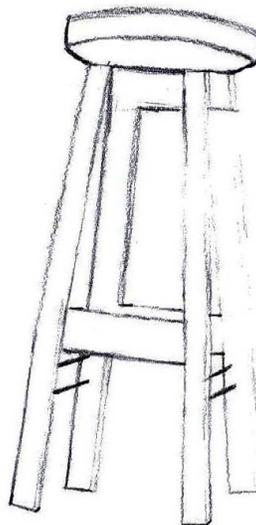


Figura 40: Desenho de Ricardo

Ao desenhar a composição do banco com o pano, Ricardo também sentiu dificuldades, não conseguiu dar leveza e caimento ao tecido. Provavelmente tenha sido a primeira experiência de grande parte da turma com o desenho de tecidos, pois praticamente a turma toda questionou se teriam que realmente desenhar a composição que estava exposta no centro da sala. Foram poucos os desenhos que apresentaram resultados consideravelmente bons.

Naiara conseguiu representar a tridimensionalidade do banco, as formas ficaram claras através do seu traço forte e seguro. Não demonstrou ter nenhuma intimidade com o carvão vegetal e questionou várias vezes porque o papel tem que ficar “*tão sujo, cheio de borrões*”.

O seu desenho de observação com o banco e o pano também apresentou a sensação de bloco, uma composição sem caimento, sem leveza. Provavelmente a maioria da turma não conseguiu se deter nos detalhes, nas formas que a composição estava apresentando.

Pelo fato da maioria dos sujeitos serem apreensivos em logo terminar as atividades propostas acreditamos que isso tenha vindo a prejudicar boa parte dos trabalhos.

6ª Semana

Com a intenção de dificultar o processo do desenho, a pesquisadora solicitou aos alunos que realizassem, primeiramente, através de imagens (como meio de informação), desenhos de mãos e pés.

A grande maioria da turma já veio com um estereótipo da forma. Isso ficou muito claro no momento em que os acadêmicos desenhavam as “unhas”. Todas tinham a mesma forma e praticamente o mesmo tamanho, confirmando o que GARDNER (1994) comenta sobre a Capacidade Espacial em que o reconhecimento de um objeto de vários ângulos, o deslocamento de diferentes partes de uma configuração e o pensar através das relações espaciais apresenta uma considerável importância quanto à localização e/ou orientação, principalmente ao realizar representações gráficas. No momento em que é solicitado aos alunos que desenhem suas próprias mãos, parece-nos ser mais dificultoso o processo. Muitos não conseguem identificar a real posição da “mão modelo” para passar ao suporte.

Em um determinado momento um educando estava com a “mão modelo” de lado e a desenhou de frente. Era difícil fazer com que ele compreendesse que o que havia desenhado era diferente da real posição da sua mão.

Dentre os alunos que foram sorteados para a análise desta pesquisa, a maioria apresenta muita dificuldade quanto à Inteligência Espacial e fica muito visível em seus desenhos. Mas a intenção desta pesquisa é que, através do desenho, se possa desenvolver essa objeção quanto ao espaço.

Fábio trouxe várias imagens, como a maioria dos colegas, estava escolhendo as imagens “mais fáceis”, as que, por exemplo, estão com os dedos escondidos ou de perfil. Então explicamos para toda a turma que quanto mais informações a imagem ou a composição apresentar, melhor saíra o desenho, pois teremos várias informações que irão nos auxiliar quanto às distâncias de uma linha a outra.

Ainda, podemos dizer que Fábio não encontrou muita dificuldade ao desenhar a mão e nem o pé através da ilustração. Devido ao obstáculo que ele encontrou ao desenhar no tridimensional²³ houve reflexão também ao desenhar os pés. Fábio demorou um pouco para abolir o estereótipo das unhas já pré-estabelecidas em sua memória.

A educadora teve que explicar que devemos ver todas as formas como linhas podendo ser elas curvas ou retas e que a soma de todas elas irá resultar em uma forma-composição. Mas, mesmo assim, Fábio, em alguns desenhos, preferiu acentuar a linha para não ter que detalhar a forma “unha”, optando por ignorar os detalhes.

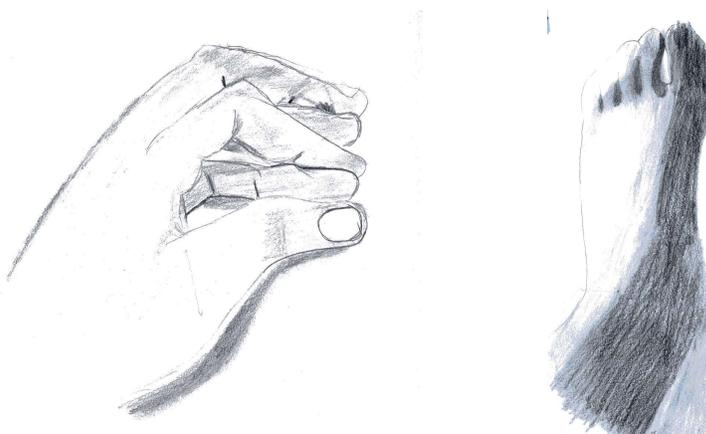


Figura 41: Desenho de observação do aluno Fábio

²³ O desenho é apresentado com linhas na vertical, horizontal e transversalidade.

Renata apresentou uma dificuldade bem considerável, tanto para desenhar os pés quanto às mãos, ilustradas ou com modelo. A ausência de noção da perspectiva e o estereótipo das formas ficaram bem visíveis no seu desenho.

Ela apagava muito, recomeçou várias vezes, bem como ocorreu muitas reclamações por parte da educanda quanto ao processo da execução desta atividade. A questão de trabalhar com “partes do corpo humano” fez com que Renata ficasse um pouco “amedrontada” permitindo que ela deixasse de ver as formas como simples linhas. A educanda foi orientada para não ficar nomeando as formas vistas, como por exemplo, neste caso, eram as mãos e pés, mas sim ver e nomear apenas como linhas: paralelas, curvas ou retas. Mesmo assim, Renata encontrou muita dificuldade para concluir essas atividades.

Esse processo de ver é citado por EDWARDS (2002) como um método básico do visar, onde nesse momento há uma comparação entre as próprias linhas, sendo que para “[...] aprender a visar (ou seja, aprender a ver relações) possa parecer lento e laborioso, visar, em si, uma vez aprendido, é algo que se faz tão rapidamente quanto um elegante gesto simples e expressivo” (p.192), demonstrando assim que o desenho de observação se aprende no momento em que se aprende a ver.

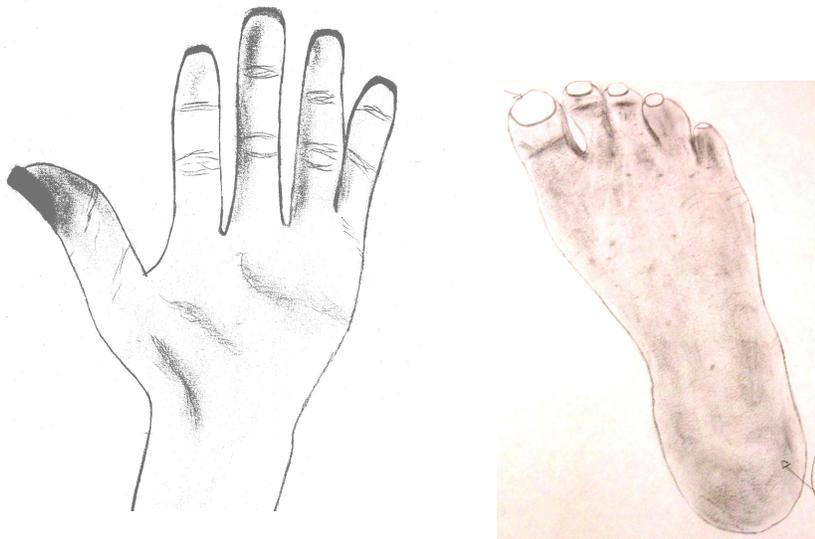


Figura 42: Desenho de observação da aluna Renata

Já, Ana conseguiu novamente desenvolver a atividade sem apresentar nenhuma dificuldade. Captou todo o processo e executou os desenhos, tanto dos pés quanto das mãos, ilustrado e com modelo, sem precisar muito de auxílio da educadora para o desenvolvimento desta atividade.

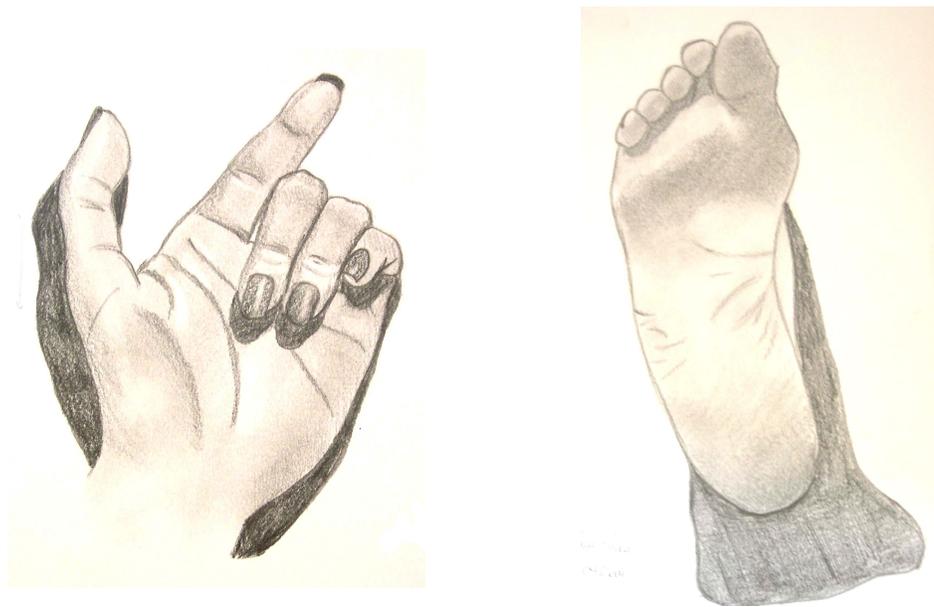


Figura 43: Desenho de observação da aluna Ana

Para a maioria dos alunos, trabalhar com formas que fazem parte do corpo humano lhes deixou um pouco “assustados”, evidenciando a insegurança quanto aos desenhos trazidos da infância que podem atrapalhar esse processo.

Para Ricardo não foi tão fácil quanto para Ana, mas também não foi tão difícil quanto para Renata. Ele demorou um tempo observando as imagens e perguntou se haveria uma maneira que facilitasse o início do desenho.

Dessa forma, explicamos novamente que em qualquer imagem ou composição o processo é o mesmo. Cada sujeito vai encontrar a sua maneira de iniciar e proceder seu desenho.

A esta altura seis semanas já se passaram e, aos poucos, Ricardo começa a circular pela sala e conversar mais com os seus colegas. Ele percebe que cada sujeito inicia da melhor maneira que lhe convier.

Podemos perceber claramente que Ricardo está usufruindo o desenho como um meio para se entrosar com a turma (Inteligência Interpessoal), há uma troca de idéias e aceitação de propostas por parte dele bem como um estímulo para realizar

os seus desenhos, pois ele passou a perceber que basta observar com atenção, ter uma certa paciência e dar início aos primeiros traços no papel.

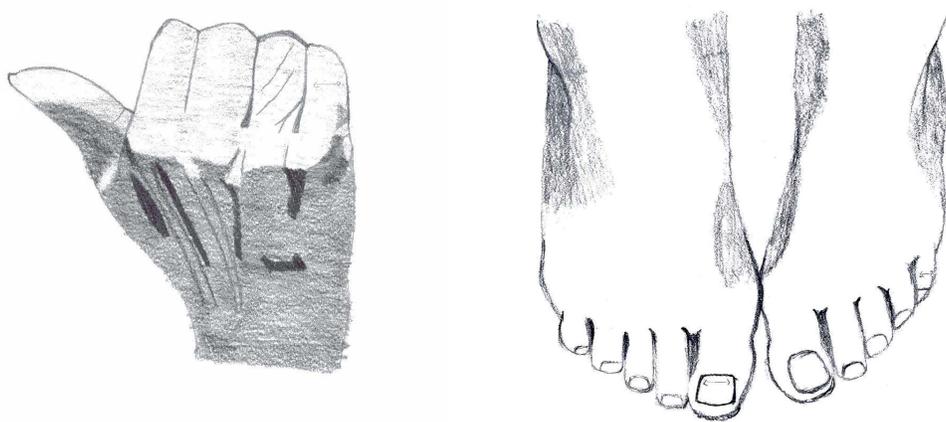


Figura 44: Desenho de observação do aluno Ricardo

Naiara também consegue resultados significativos com o seu desenho. O processo de execução mudou um pouco, ela conseguiu se ater mais nesta atividade onde houve uma maior preocupação no que se refere aos detalhes e sombreamento das formas.

No decorrer dos encontros ela continuou praticamente com as mesmas atitudes, a única mudança visível foi que a educanda passou a ampliar o seu grupo de “conversas informais”, tanto quanto dentro da sala de aula como nos corredores da instituição. Foi numa dessas conversas que Naiara admitiu sempre ter gostado de desenhar, mas pouco praticava e que não gostava muito do seu traço e da “sujeira” que ela deixava no desenho.

Essa “sujeira” que Naiara fez referência ocorre ao excesso de pressão propiciado pela aplicação das sombras com lápis 6B.